

## **A EJA-MODULAR E AS APRESENTAÇÕES ORAIS: O DESAFIO DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA NESSE PROCESSO**

Viviane da Silva Wanderley <sup>1</sup>  
Riquely Barbosa da Silva <sup>2</sup>  
Janielson Florentino da Silva <sup>3</sup>  
Anderson Kelvin Berto da Silva <sup>4</sup>

### **RESUMO**

A presente pesquisa traz como tema o desafio das aulas de língua portuguesa na EJA-MODULAR em preparar os estudantes para as apresentações dos projetos ao final de cada módulo e surgiu através da observação do grupo do PRP (Programa Residência Pedagógica) de graduandos de Letras do IFAL junto ao professor de língua portuguesa regente da turma. Foram observados muitos entraves de alunos para expor oralmente um projeto diante da turma ou da escola ao final de cada módulo. Em detrimento da situação, o professor de língua portuguesa termina por abarcar essa missão na preparação dos estudantes para tal processo o que se torna algo desafiador. Ainda que o professor trabalhe bastante as metodologias ativas da aprendizagem, apresentando um norteamento diferenciado do ensino tradicional, na prática, muito ainda se vê o aprendiz da EJA tentando se manter na sua peculiaridade de aluno “recebedor” de conhecimento e não atuante a própria realidade, o que não condiz com o ensino que se quer na atualidade. Assim, o trabalho traz como base os ensinamentos de Paulo Freire acerca da educação bancária, a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel, bem como a ideia de multiletramentos de Roxane Rojo para discutir a temática. Como resultados, pôde ser observado que os alunos melhoraram bastante a resistência após a escola começar a socializar as apresentações como projeto geral a fim de que todas as turmas circulassem para prestigiar umas as outras, contudo, ainda há resistência de boa parte.

**Palavras-chave:** EJA-MODULAR, Apresentações Oraís, Ensino Tradicional, Aprendizagem Significativa, Multiletramentos.

### **INTRODUÇÃO**

O referido trabalho trata acerca do desafio do professor de língua portuguesa de lidar com as turmas de EJA-MODULAR no tocante à preparação dos estudantes em relação às apresentações orais que ocorrem sempre ao final de cada módulo por área do conhecimento e que são requisitos essenciais para a aprovação no curso.

O ensino de jovens e adultos vem se modernizando ao longo dos anos para atender às demandas sociais que se apresentam no século XXI, com isso, visando a melhor adaptação destes jovens-adultos na escola – muitos deles após anos sem contato com o ensino – a EJA

<sup>1</sup> Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Federal de Sergipe – UFS, [vsw1@aluno.ifal.edu.br](mailto:vsw1@aluno.ifal.edu.br);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de LETRAS do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, [rbs14@aluno.ifal.edu.br](mailto:rbs14@aluno.ifal.edu.br);

<sup>3</sup> Graduando pelo Curso de LETRAS do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, [jfs34@aluno.ifal.edu.br](mailto:jfs34@aluno.ifal.edu.br);

<sup>4</sup> Graduando pelo Curso de LETRAS do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, [akbs2@aluno.ifal.edu.br](mailto:akbs2@aluno.ifal.edu.br);

vem aplicando a modulação por área de conhecimento, o que se refere ao ensino dividido em blocos que englobam determinada seara, ou seja, os alunos estudam as grandes áreas do conhecimento por vez: matemática, linguagens, ciências humanas e ciências da natureza, exceto a disciplina de língua portuguesa, bem como a disciplina de prática profissional, as quais se fazem presentes durante todo o curso da EJA do ensino médio modular.

Cada módulo possui o intuito de fazer com que a turma apresente ao final um projeto que tenha relação com o módulo cursado. Assim, eles precisam pesquisar, dividir-se em equipes e se preparar para expor oralmente as suas observações acerca do que foi disponibilizado pelo módulo.

Como a disciplina de língua portuguesa se mantém em todos os módulos, fica a cargo do professor desta disciplina preparar as turmas sobre a linguagem oral e escrita, destarte, a disciplina fica apartada da feitura no processo de viabilização do projeto, o qual é sempre liderado pelo professor regente do módulo, que será um professor de área de conhecimento, das mencionadas acima, sendo inviável para o professor de língua portuguesa a preparação de algo que não se tem contato significativo, pois este último termina por fazer um trabalho isolado, o que não se coaduna com os preceitos atuais da educação de um modo geral.

Tais indagações vêm sendo observadas pelos graduandos do curso de Letras do IFAL (Instituto Federal de Alagoas), que atuam como residentes no PRP<sup>5</sup> junto à professora de língua portuguesa regente da turma que é preceptora do programa, o qual foi implantado na Escola Estadual de Educação Básica Professor José Quintella Cavalcante, no município de Arapiraca, em Alagoas e tem acompanhamento do Instituto Federal de Alagoas pelos coordenadores do programa nas suas atividades.

O programa visa preparar jovens universitários não somente com um estágio curricular comum, mas com uma vivência real do que é uma escola no seu cotidiano. O grupo participa com a preceptora – professora regente da turma – do planejamento e da atuação na sala de aula por meio a observação e da regência, assim como das reflexões acerca da função do professor de língua portuguesa e do retorno que ele proporciona ao aluno da EJA depois do curso.

Nos momentos de reflexão, o grupo passou a observar essas nuances que a modalidade de ensino apresenta e começou a se questionar acerca de como trabalhar com este perfil de aluno.

---

<sup>5</sup> Programa Residência Pedagógica do Instituto Federal de Alagoas – financiado pela CAPES.

É perceptível e aceitável que a realidade do ensino da EJA seja distinta do ensino médio regular, contudo, deve-se pensar em ao menos tentar intervir um pouco nesta realidade para se tentar “quebrar esta barreira” que ainda existe na EJA.

Com isso, o objetivo da pesquisa, por ter sido no campo da observação, foi trazer os próprios profissionais atuantes para repensarem a sua prática profissional e a maneira como tais exposições vêm sendo veiculadas e, ainda, como os alunos estão lidando com essas questões a fim de que se possa tentar alterar, pelo menos, um pouco desta realidade.

Muitas vezes, é comum ver a ideia de projeto no papel e não se aplica efetivamente, pois projeto não é apenas distribuir um tema por turma e os alunos memorizarem o que falar para fazer uma culminância em determinada data, projeto, em especial escolar, significa vivenciar uma prática e depois compartilhá-la com a comunidade escolar, inseri-la na realidade, trazer significado para a vida pessoal, estudantil e profissional do corpo docente e discente, daí a importância de temáticas como estas que tragam a reflexão da escola para a academia e retornem com elas para a prática escolar.

Assim, o intuito foi discutir a aplicabilidade de projeto no seu sentido prático e utilitário, isto quer dizer que o projeto deve se valer significativamente para a escola, para a instituição, para os professores e, principalmente, para os estudantes protagonistas do processo. Por isso, foi proposto que as apresentações fossem compartilhadas pela escola e não ficassem somente restritas ao professor do módulo cursado no momento final do módulo.

Como resultados iniciais para o ano letivo vigente (2023) o que se viu nos dois últimos módulos que se encerram até o presente momento é que a interação entre salas de aulas, conforme foi acatado pela direção, com a socialização dos projetos na escola inteira vem surtindo um efeito muito positivo e os alunos vêm se interessando mais e se dedicando para fazer uma boa apresentação.

## **METODOLOGIA**

A ideia do trabalho surgiu ao final no primeiro semestre do ano letivo, a partir da observação do comportamento resistente dos alunos e das insistentes reclamações deles, junto ao professor regente de língua portuguesa e dos residentes do PRP, para não apresentar esse projeto no final do módulo.

Enquanto os professores de área de conhecimento exploram as temáticas a serem trabalhadas, o professor de língua portuguesa fica nessa missão de prepará-los na língua, tanto oralmente, quanto na escrita, já que eles expõem cartazes, produzem cartões, lembrancinhas,

falam, enfim, exploram os recursos linguísticos para se apresentarem, e é a partir dessa preparação que eles reclamam bastante.

Logo, a pesquisa é de cunho observacional e se apresenta como um relato de experiência dos integrantes do PRP, por meio da observação das questões acima elencadas, as quais vêm refletindo sobre a prática do professor de língua portuguesa nesse contexto, o que levou o grupo a pensar nesta pesquisa partindo dos pressupostos teóricos a seguir explicitados.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O professor de língua portuguesa, assim como muitos outros, tentam explorar metodologias ativas das mais variadas formas para estimular os alunos a “se soltarem” um pouco mais – como por exemplo: rodas de conversa, debates e apresentações orais – há uma forte tendência deste perfil de aluno resistir e não querer participar, eles reclamam que “possuem vergonha”, “não sabem falar”, “ficam nervosos”, “não estão preparados”, entre tantas outras indagações que surgem.

Além do mais, os alunos da EJA possuem uma tendência ao tradicionalismo, optam por aulas expositivas e atividades escritas, negando-se, muitas vezes, a se colocar diante da turma em discussões e quando se fala em apresentar trabalho a coisa fica ainda mais complicada, eles simplesmente não querem, alguns se recusam e terminam, inclusive, desistindo do curso para não sair desta zona que eles consideram “zona de conforto”.

Como se trata de linguagem, de um modo geral, tanto a fala oral para as apresentações, quanto a escrita para produção de cartazes ou quaisquer outros conteúdos expositivos no dia da exposição, a missão termina por recair no professor de língua portuguesa que é desafiado a tentar mudar esta realidade e inclui-los na nova pedagogia que parte da premissa de preparar o aprendiz para o mundo tecnológico do século XXI, com a inserção das tecnologias e a exposição da oralidade, visto que o mundo hodierno exige profissionais com este perfil.

Conforme prediz as autoras:

O desafio imposto à escola por esta nova sociedade é imenso; o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida. (COUTINHO; LISBOA, 2011, p. 5)

Como vislumbrado, a escola assumiu uma carga social gigantesca que inclui não somente a educação escolarizada, mas também a educação doméstica – o que deveria ser da família, em opinião particular –, a educação profissional, a educação sexual, enfim, a escola hoje abarca uma gama de responsabilidades e a educação tecnológica, assim como a preparação para o novo mundo versátil não pode ficar de fora.

Vale ressaltar que, apesar das pessoas estarem amplamente conectadas nos dias atuais, inclusive os alunos da EJA, basicamente, uma boa parcela usa os telefones para acessar as redes sociais (Instagram, Tik Tok, por exemplo), quando se trata de pesquisa e estudo, possuem extrema dificuldade, em especial, esse público específico da EJA que não são, em grande parte, nascidos na era digital.

Por isso, se trouxe à baila o embasamento com a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel que parte da premissa de que o conhecimento se concretiza não somente pelo que se vê em sala de aula, mas também das suas relações com o cotidiano, dando sentido ao que é ensinado, portanto, pensando-se na função da escola na vida desses alunos.

De acordo com CRUZ (s/d, p. 02): “A aprendizagem significativa tem lugar quando as novas ideias vão se relacionando de forma não-arbitrária e substantiva com as ideias já existentes”, ou seja, não é abolir as aulas tradicionais, porém, é preciso readaptá-las a fim de que os alunos possam assimilar o que foi exposto à sua realidade e, com isso, construir o seu próprio conhecimento acerca do que está estudando e aprendendo.

Aplicar esse conhecimento no cotidiano ou trazer um conhecimento que se torne palpável para tal aplicação é que efetiva o verdadeiro objetivo da escola e encaminha o aluno para o caminho que a escola deve guiar.

As autoras ratificam essa fala escancarando o real objetivo da escola no século XXI:

A finalidade dos sistemas educacionais em pleno século XXI, será pois tentar garantir a primazia da construção do conhecimento, numa sociedade onde o fluxo de informação é vasto e abundante, e em que o papel do professor não deve ser mais o de um mero transmissor de conhecimento, mas o de um mediador da aprendizagem. Uma aprendizagem que não acontece necessariamente nas instituições escolares, mas, pelo contrário, ultrapassa os muros da escola, podendo efectuar-se nos mais diversos contextos informais por meio de conexões na rede global. (COUTINHO; LISBOA, 2011, p. 10)

Por isso, manter as aulas de língua portuguesa dissonantes das aulas por área de conhecimento e, em especial, dos projetos que são pleiteados a cada módulo pode não surtir o efeito que se quer realmente com a educação da EJA que é aliar o ensino à realidade do alunado, como prediz:



Isso quer dizer que a proposta pedagógica moderna é um instrumento que prevê maior incentivo à subjetividade, ao pensamento crítico e, principalmente, às diferentes formas de educação. A ideia é que a pessoa aprenda desde a sua experimentação com o mundo e com a comunidade ao redor, exercendo uma **observação prática e precisa da sua realidade** (PITÁGORAS, 2020) (grifos do autor).

Outrossim, também é válido explorar a ideia de multiletramentos da Roxane Rojo que defende a ideia de que o aluno aprende de diversas formas e em vários suportes distintos, inclusive os suportes digitais, os quais devem ser incluídos em sala de aula e utilizados para que os alunos aprendam a usar a tecnologia em favor do estudo, atrelando o cotidiano deles de utilizar o telefone e estudar ao mesmo tempo.

Como ela mesma orienta sobre o uso do celular em sala de aula:

Em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona. Em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia. (ROJO, 2012, p. 27)

O excerto propicia pensar na função da escola em se apropriar dessa tecnologia em favor da interação do estudante com o ensino, tratando os dispositivos como ferramentas pedagógicas.

Outro ponto a se discutir também é a concepção de “educação bancária” trazida por Paulo Freire, pois, no caso da disciplina de língua portuguesa ficar apartada trabalhando isoladamente temáticas para auxiliar os alunos a melhorar a oralidade para as futuras exposições, sem um maior envolvimento prático, termina por perpetuar essa visão do ensino conteudista.

Justamente por se tratar de EJA, o ensino deve ser vinculado ao cotidiano dos alunos e também ao projeto de que eles necessitam desenvolver ao longo do curso, o qual deve estar atrelado à vivência deles. Como o próprio pedagogo expõe:

Se, para manter divididos os oprimidos se faz indispensável uma ideologia da opressão, para a sua união é imprescindível uma forma de ação cultural através da qual conheçam o porquê e o como de sua “aderência” à realidade que lhes dá um conhecimento falso de si mesmos e dela. (FREIRE, 1987, p. 108).

Assim, pode se perceber que a educação não pode mais se manter nesse caráter “bancário”, ela precisa, indubitavelmente, entrar em conformidade à realidade do aluno, partir da vida cotidiana dele para que faça sentido para ele e que para que haja uma real eficácia. Tanto em relação aos conteúdos repassados em sala de aula, quanto no tocante ao formato como eles são repassados.

O aluno possui acesso hoje a tudo que ele quiser, não somente ele, qualquer pessoa que consiga acessar a internet obtém o conhecimento diante dos seus olhos, a questão é saber o que buscar, como buscar e o que fazer com ele, pois informações não faltam na rede mundial de computadores.

Tais adaptações na escola devem ser aplicadas por força de lei, ou seja, para atender às demandas da legislação atual, já que a BNCC traz como uma de suas competências gerais:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018).

Esta é apenas uma das competências gerais da BNCC, a legislação é ampla e abarca praticamente todos os campos da vida do aluno, logo, a vivência e a prática cotidiana devem fazer parte do ensino e necessitam estar dentro da escola a fim de que os conhecimentos possam transpor os muros da escola e preparar o aluno para uma vida plena e efetiva.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do que foi exposto, os principais resultados que se pôde perceber permeiam acerca da própria tradicionalidade que eles tentam manter, assim como, a baixa-estima deles, o que vem sendo desmistificado, gradativamente, mas com um longo caminho ainda pela frente.

Até então, as apresentações ocorriam dentro de cada sala, com os grupos apresentando somente para o professor da área do conhecimento do módulo, ocorre que, para tentar minimizar a problemática, a escola tem tentado movimentar as apresentações, com isso, na finalização do módulo do mês de julho, foi feito um rodízio entre as salas para que umas assistissem às apresentações dos colegas, houve uma tentativa de refreamento dos estudantes que não queriam, pelos motivos já mencionados.

Apesar da resistência, eles apresentaram, embora com muita reclamação, e, ao final do outro módulo, que ocorreu entre o final de setembro e início de outubro, a escola manteve essa tática de movimentar as salas entre si, pôde-se perceber que o resultado foi mais satisfatório que a primeira vez, eles se movimentaram mais e não reclamaram tanto, trazendo temáticas de culinária, empreendedorismo, aproveitamento de cascas de alimentos, dentre outras temáticas.

Houve uma mobilização bem melhor e mais atuante por parte do alunado, foi perceptível na escola a empolgação de muitos alunos e a dedicação para se apresentar.

Algumas turmas engajaram-se bastante trazendo materiais diferenciados, caprichando mais nos cartazes, nas lembrancinhas, convidando os demais professores para verem as exposições. Na segunda apresentação do semestre, foi possível enxergar muito mais significado para eles e menos nervosismo por parte de muitos.

Isso mostra que o trabalho deve continuar e o professor de língua portuguesa necessita sim fazer essas intervenções entre os colegas das demais disciplinas estimulando a interdisciplinaridade na escola e trabalhando com os alunos as técnicas voltadas para incluí-los nesse processo por meio de conscientização social.

Muita leitura, discussão em sala de aula e estimular que o aluno opine, exponha o seu ponto de vista, escreva, discuta e reflita sobre todos os processos de linguagens é papel não somente do professor de linguagens, mas de todo educador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa apresentou-se muito satisfatória para o grupo e para a comunidade escolar, pois algo que iniciou a partir de uma simples observação foi sugerida em reunião e colocada em prática como uma tentativa para alavancar o ensino da EJA na escola, algo que vem dando certo e trazendo mais positividade ao ensino da escola-campo.

Tudo que é novidade termina assustando um pouco porque é diferente do trivial, contudo, é inovando que se vai adquirindo novas formas de conhecimento e quebrando barreiras que antes pareciam muito mais densas, como é o caso do ensino da EJA que é tão tradicional e acaba assustando muitos profissionais que não querem atuar na referida modalidade, justamente por ter um público mais limitado e diferenciado.

Diante disso, é preciso veicular reflexões acerca dessa nova modalidade de ensino que vem sendo aplicada, não que ela seja ruim, pelo contrário, deve-se enxergar um grande potencial para preparar o aluno da EJA, tanto para o mercado de trabalho (ou reinserção, muitas vezes), quanto para a própria vida social e pessoal, a questão que permeia é justamente em como fazer acontecer sem apresentar um “faz-de-conta” que remete apenas em propiciar um diploma de ensino médio para redução das taxas nacionais nas pesquisas.

O estudo também apresenta várias reflexões sobre a importância da presença da academia dentro da escola, já que é no ensino superior que se difunde a pesquisa e se tem o maior potencial para desenvolvê-la.



Assim, projetos que aproximem a academia das instituições sociais dão mais significado tanto à prática estudantil dos discentes da escola, quanto dos profissionais da educação e, obviamente, dos graduandos que se envolvem nas pesquisas, como é o caso dos atuantes do PRP do IFAL.

Portanto, chegou-se a uma reflexão – porque não se tem como concluir esta temática neste pequeno estudo – de que a interação da vivência do aluno ao ensino pode proporcionar uma melhora significativa na sua aprendizagem a partir da sua realidade, da significação que ela representará na vida dele e da multiplicidade de letramentos com os quais ele se deparará no dia a dia, tudo isso, partindo do estímulo dos profissionais em desafiar esse alunado a enfrentar os seus próprios medos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, República Federativa do. BNCC. In: **MEC** (Ministério da Educação). Publicado em: 14/12/2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acessado em: 07/10/2023.

COUTINHO, Clara; LISBOA, Eliana. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, DO CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM: DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI. In: **RepositoriUM**. Revista de Educação. Vol. XVIII. Nº1, 2011, 5-22. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista\\_Educa%20a7%20a3o%20VolXVIII%20n%20ba1\\_5-22.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%20a7%20a3o%20VolXVIII%20n%20ba1_5-22.pdf). Acessado em: 07/11/2023.

CRUZ, Cristiano Cordeiro. DAVID AUSUBEL – APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. In: **Academia.edu**. Disponível em: [https://www.academia.edu/36615685/DAVID\\_AUSUBEL\\_APRENDIZAGEM\\_SIGNIFICATIVA](https://www.academia.edu/36615685/DAVID_AUSUBEL_APRENDIZAGEM_SIGNIFICATIVA). Acessado em: 07/11/2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.

PITÁGORAS. **Pedagogia tradicional**: por que ela ainda é usada nas escolas? Publicado em: 28 jun. 2020. Disponível em: <https://blog.pitagoras.com.br/pedagogia-tradicional/>. Acessado em: 27 ago. 2023.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.